

'Bye bye: phantom':
cruzamento de linguagens
artísticas e base num
discurso político, hoje e
amanhã, no Teatro
Gregório de Mattos



FICHA

Espetáculo: Bye bye:
phantom
Companhia: Gekidan
Kaitaisha
Direção: Shinjin Shimizu
Onde: Teatro Gregório
de Mattos (Praça Castro
Alves)
Quando: hoje e amanhã,
às 19h
Ingressos: R\$10 (inteira)

Corpo em conflito

'Bye bye: phantom', da companhia japonesa Gekidan Kaitaisha, aborda representações da violência

Joceval Santana

Um intervalo de dez anos estremados por fatos socio-políticos que marcaram a virada deste século: o início da Guerra do Golfo (1991) e o ataque terrorista de 11 de setembro (2001). Esse é o período que serve de matéria-prima para o espetáculo *Bye bye: phantom* (*Adeus: fantasma*), que a companhia japonesa Gekidan Kaitaisha apresenta hoje e amanhã, às 19h, no Teatro Gregório de Mattos. A montagem, porém, não é ilustrativa de episódios ou situações que se reportam diretamente ao conflito bélico ou à tragédia. A intenção é questionar as relações nas quais – absurdamente – vigora a violência, a opressão, o preconceito e a intolerância.

"As cenas se expressam numa dimensão mais ampla", disse Shinjin Shimizu, diretor da montagem e da companhia, em entrevista ao *Folha* durante os ensaios. Uma representação de constrangimento físico no espetáculo, por exemplo, pode muito bem se referir aos conflitos entre Japão e Coreia. A violência interpessoal em *Bye bye: phantom*, portanto, deve ser tomada numa dimensão entre nações. A intenção do grupo de Tóquio, criado há cerca de 20 anos, é conduzir o público a refletir sobre questões que parecem estar além-fronteira mas que, na verdade, assentam suas bases na nossa vida corriqueira.

A elaboração do espetáculo leva em

consideração essa análise. Shimizu conta que, do Japão, ele acompanhava a Guerra do Golfo pela televisão, quando se deu conta que o veículo não mostrava corpos e combates. "Com a globalização, ficou mais fácil observar a guerra, mas as vítimas eram invisíveis. Pela primeira vez estava acontecendo uma guerra de imagens, e isso foi muito marcante", assinala o diretor. A companhia Gekidan Kaitaisha (que pode ser traduzido como Teatro da Desconstrução) quer o corpo como instrumento de discussão – e, para isso, não dispensa o impacto das imagens cruas, que misturam beleza e horror.

Shimizu cita duas cenas do controverso *Bye bye: phantom*. Numa delas, uma mulher aplica sucessivos tapas, violentamente, no próprio corpo, numa fúria que beira o sangrento. Noutra, um homem bate repetidamente nas costas de uma mulher. A repetição, aliás, é um recurso expressivo do trabalho do diretor – certamente uma maneira de mostrar que algumas situações coercivas se perpetram em diversos contextos históricos, geográficos, sociais. Nas poucas falas de *Bye bye: phantom*, os intérpretes listam nomes de países e de imperadores do Japão. Uma parte da constituição japonesa, elaborada após a Segunda Guerra e que coibe as práticas bélicas, também é mencionada na montagem. Todo o texto é dito em inglês.

"Não há diálogos, mas há um roteiro básico por trás de cada cena", explica o diretor, que define o Gekidan Kaitaisha como um grupo de teatro, embora a fisi-

calidade seja um dos suportes do seu trabalho (a companhia, inclusive, é formada por bailarinos e atores). Shimizu diz que se sente mais à vontade em manejar elementos teatrais para provocar a plateia. Das influências artísticas em seu trabalho, ele cita apenas a filosofia de Tatsumi Hijikata (1928-1986), considerado o criador do *butô*, gênero que combina dança e teatro.

O *butô* surgiu na cena de vanguarda do final da década de 1950, emergindo de uma nação destruída pela guerra e exposta a uma inevitável contaminação de outras culturas. O gênero interferiu no andamento do panorama cênico japonês e estendeu seu diálogo com as artes ocidentais, lançando mão de veemência gestual e potencial imagético. São características que se alinham com as declarações de Shimizu: "Toda criação atual deve ser de vanguarda. Tento estabelecer dois princípios no teatro: novidade na expressão e uma base sempre crítica".

São esses seus pressupostos para permanecer dialogando com a realidade. Ele conta, por exemplo, que a companhia se apresentou em Nova York apenas três semanas depois do fatídico 11 de setembro, e, ainda sob o impacto do atentado, algumas interpretações observaram no espetáculo muito da opressão que contornou o atentado. Com turnês pela Europa, Ásia e América do Norte, o grupo faz sua primeira viagem ao Brasil (a vinda para Salvador é uma iniciativa da Escola de Dança da Ufba), com um espetáculo que tem colecionado opiniões

distintas.

Interferências - Além da dança e do teatro, pode-se verificar em *Bye bye: phantom* a interferência de outras expressões, como cinema, artes visuais, fotografia e *performance art*. O espetáculo se divide em quatro cenas que guardam certa independência, mas que estão interligadas pelo tema da violência e pelos usos dos recursos estéticos. Cada cena traz seus episódios, ou acontecimentos, interpretados em solo ou em grupo. As tecnologias digitais também são usadas como suporte, com projeções de imagens que ora tendem para a abstração, ora para o documental (como o registro de um bombardeio da mesma maneira em que foi mostrado na tevê).

Shimizu costuma esclarecer, porém, que os aspectos humanos e tecnológicos têm uma relação, digamos, conflituosa em seus trabalhos, numa "interação que faz com que eles se critiquem mutuamente". Mas isso, segundo ele, depende de como cada pessoa vai observar o espetáculo. Não apenas o caráter aberto da obra, mas as próprias palavras do diretor valorizam as diferentes reações da plateia às suas provocações. O que é pertinente com a sua trajetória: Gekidan Kaitaisha, no início, fazia mais apresentações em ruas, ruínas e parques, às vezes solicitando que o espectador acompanhasse o espetáculo se deslocando pelo espaço. "Eu tinha muito interesse nas diferentes paisagens e nas diferentes reações do público e do ator", justifica.